

# TRADIÇÕES E MUDANÇAS DISCURSIVAS DE CARTAS EPISTOLARES

Raquel Oliveira Carvalho Araújo<sup>1</sup>

raquel.araujo.126@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL

RESUMO. O presente trabalho, realizado no âmbito da área da Pragmática Histórica, com influências da Teoria das Tradições Discursivas e da Teoria da Gramaticalização, tem como principal objetivo analisar as diferentes tradições discursivas em textos epistolares do português moderno, expondo as formas de evolução da língua até aos dias de hoje. A análise do *corpus* baseou-se nos exemplos das cartas formais “Cartas às Raparigas” encontradas na revista *Mocidade Portuguesa Feminina: Boletim Mensal*.

PALAVRAS-CHAVE. Tradições Discursivas, Cartas Epistolares, Pragmática Histórica.

ABSTRACT. This paper aims to explore the area of Historical Pragmatics, but also within the framework of Discursive Theory and Grammaticalization Theory. The main objective is to analyse the different discursive traditions in epistolary letters written in Modern Portuguese, exposing the evolution that the language suffered until nowadays. The analysis of the corpus was made using examples from “Cartas às Raparigas” from the magazine *Mocidade Portuguesa Feminina: Boletim Mensal*.

KEYWORDS. Discursive Traditions, Epistolary Letters, Historical Pragmatics.

## 1 - Introdução

“Historical pragmatics is a very young field of scientific enquiry. It combines the methodologies of pragmatics, which is itself still quite young, and historical linguistics, which can look back on a long tradition. Pragmatics may be defined very crudely as the study of language in use, while historical linguistics is concerned with the investigation of earlier stages of particular languages and their diachronic development”.

(Andreas H. Jucker 1995: IX)

---

<sup>1</sup> Estudante do 1.º ano do Mestrado em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O presente estudo trata o tema de tradições e mudanças discursivas de cartas epistolares em textos encontrados num *corpus* online. A intenção é revelar a evolução linguística presente e a análise, estruturação e funcionamento dos textos com recurso a elementos teóricos e instrumentos metodológicos da Pragmática Linguística.

O homem necessita de comunicar. É algo que faz parte da sua natureza enquanto ser humano. A comunicação é a ferramenta que possibilita a interação com outros, podendo ser expressa pelas suas formas mais básicas: a escrita e/ou a fala. Neste trabalho o foco será na escrita, pois é através desta que é possível determinar as evoluções que, ao longo do tempo, a língua tem vindo a sofrer, visto que as mesmas se encontram registadas em papéis, pergaminhos, gravações em pedras, madeira, etc., tornando-se assim provas muito importantes e interessantes. Estes elementos, que se encontram em bom estado de conservação, são usados como provas físicas deixadas pelos antepassados, de modo a que a sua análise seja feita de forma mais rigorosa e aprofundada, algo que na fala não é possível alcançar, uma vez que esta se encontra em constante mudança.

Para a análise deste estudo utilizamos artigos das “Cartas às Raparigas” presentes na revista *Mocidade Portuguesa Feminina: Boletim Mensal*. Estas cartas não possuem a estrutura típica das cartas epistolares, porque estão, de certa forma, disfarçadas de cartas familiares, o que se deve ao facto de se encontrarem numa revista dos anos 40 com uma ideologia ditadora muito forte. Os artigos analisados encontram-se em espaços já reservados na revista e nessas colunas discutem-se problemáticas típicas das mulheres daquela época, ou seja, o objetivo dos pequenos artigos era fornecer às leitoras uma imagem do que visava ser a “mulher perfeita dos anos 40”, fazendo com que as mesmas seguissem as regras que lhes eram impostas, sem as questionarem.

Nos diversos tipos de cartas, como as pessoais, as institucionais, as de agradecimento, as de condolências, entre outras, trataremos apenas de estudar e analisar as cartas epistolares. Isto porque, dentro deste género, observamos que existe uma tentativa de aproximação entre o leitor e o escritor, embora estes não estejam no mesmo espaço físico e temporal. Na revista, a autora das cartas tenta impor às suas leitoras a sua ideologia e, de certo modo, obrigá-las a obedecer a determinadas regras impostas às mulheres naquela época.

### 1.1 - O interesse na área da Pragmática Histórica

Os textos na área da Linguística têm um papel fundamental, especialmente por se tratarem do material de trabalho mais usado e pelos leitores estarem em contacto com eles todos os dias, independentemente do seu género ou origem.

O presente tema despertou interesse por ser possível estudar a origem e a evolução do português, que, por vezes, não são tão claras e exatas. A complexidade e as particularidades que existem tanto ao nível da escrita como ao nível da fala despertaram-nos uma certa curiosidade, na medida em que tentamos analisar as mudanças que a língua sofreu com a ajuda de exemplos reais, mais concretamente, através do uso de artigos da revista *Mocidade Portuguesa Feminina: Boletim Mensal*.

Nos dias que correm, o tipo de comunicação patente nestas cartas não se prende apenas ao papel, ela pode ocorrer em diálogos que temos nas redes sociais. Com os avanços tecnológicos, tornou-se muito mais fácil ter contacto direto com textos, seja através das redes sociais ou através de livros disponíveis em plataformas *online*.

### 1.2 - Apresentação da revista *Mocidade Portuguesa Feminina: Boletim Mensal*

A revista *Mocidade Portuguesa Feminina: Boletim Mensal* foi fundada pelo Estado Novo, entre maio de 1939 e abril de 1947, em Lisboa. As publicações jornalísticas da época visavam formar uma ideologia nacionalista e cristã na mentalidade das raparigas portuguesas, bem como tentar transmitir às mesmas o ideal feminino dos anos 40.

Segundo a ficha histórica, a revista dirige-se, principalmente, às estudantes das classes mais altas, tentando constituir uma elite feminina. Em termos estatísticos, a *Mocidade Portuguesa Feminina*, em 1940, chegou apenas a 5,2% das alunas do ensino primário, mas em relação aos ensinos médio, secundário, técnico e liceal abrangeu 93%.

No boletim da *Mocidade Portuguesa Feminina*, existe uma forte imposição da ideologia salazarista. Este tinha como objetivos ensinar às leitoras o que vestir, como falar corretamente, como ocupar os tempos livres, o que fazer durante as férias, entre muitos outros. É também notório o uso da segunda pessoa do plural que justifica o tom diretivo e deontico dirigido às leitoras, cativando-as através do apelo direto.

Nesta revista realça-se a colaboração de Maria Joana Mendes Leal, que integrou a Junta Nacional de Educação, no ano de 1939, onde defendeu o caráter ideológico da *Mocidade Portuguesa Feminina* e os princípios católicos e nacionalistas do Estado Novo. Salienta-se também Maria Guardiola, que desempenhou alguns cargos importantes, como Comissária Nacional da *Mocidade Portuguesa Feminina*.

## 2 - Enquadramento teórico

Como ponto introdutório, é importante fazer uma breve referência a algumas das palavras-chave que surgem como pontos de interseção ao longo deste trabalho. Pragmática

Histórica, Pragmática Linguística e Linguística Histórica são alguns dos termos que abordaremos apenas para enquadrar o leitor ao longo deste estudo e que também funcionarão como ponto de partida para as abordagens que este trabalho emprega.

Quando falamos em Pragmática Histórica, podemos dizer que esta “representa uma aproximação teórico-metodológica relativamente recente em Linguística Histórica e constitui mesmo uma das primeiras tentativas de estudo de textos jurídicos medievais nesta ótica” (Barros, 2010: 15). Esta área de investigação interdisciplinar cruza domínios teóricos da Pragmática Linguística e da Linguística Histórica que permitem descrever como era usada a língua, como se apresentava ou demonstrava a sua evolução, bem como o desenvolvimento dos seus elementos linguísticos num determinado período.

Relativamente à Linguística Histórica e à Pragmática Linguística, segundo Presch (1981), existem dois caminhos que estes termos podem seguir: a Linguística Histórica torna-se “pragmática” ou a Pragmática Linguística torna-se “história”. No primeiro caso, se a Linguística Histórica passar a comportar-se como a Pragmática Linguística, nela “(...) descreve-se o desenvolvimento de uma língua ou a mudança linguística sob alteração de circunstâncias.” (Barros, 2010: 20), isto é, o foco permanece sobre a mudança linguística. Enquanto que, no segundo caso, contrasta com a dimensão anterior, pois nela “investiga-se o uso da língua no passado” (Barros, 2010: 20), existindo uma centralidade na descrição das convenções do discurso que eram efetivas em estados linguísticos passados.

Andreas Jucker e Andreas Jacobs propõem duas perspetivas diferentes como tentativa de clarificar o problema entre a distinção dos termos acima referidos. As duas abordagens adotadas pelos autores são: Pragmáfilologia e Pragmática Diacrónica. Barros (2010) explica bem o que cada uma destas abordagens na sua essência são, bem como em qual perspetiva cada uma delas se foca: a Pragmáfilologia “é a perspetiva de estudo e descrição dos aspectos textuais e contextuais de textos históricos, incluindo nomeadamente a relação entre locutor e alocutário, o objetivo do texto e as condições de produção e receção” (Barros, 2010: 21). A Pragmática Diacrónica foca-se na evolução do inventário linguístico e no seu uso comunicativo através de diferentes estádios da mesma língua. Nesta perspetiva existem dois pontos de vista. O primeiro trata-se de uma forma linguística para investigar a alteração dos sentidos discursivos do elemento escolhido para a observação. O último faz alusão às funções discursivas para investigar as diferentes realizações formais dessa função ao longo do tempo.

## 2.1 - Vantagens e desvantagens da análise de cartas epistolares

Os termos *emissor* e *recetor* na plataforma do Dicionário Terminológico da Língua Portuguesa (DT) designam: o *emissor*, dentro de um determinado contexto espaço-temporal, realiza com intenção um ato de comunicação produzindo enunciados, discursos e textos orais ou escritos. Este possui competências linguísticas, conhecimento do mundo, crenças, ideologias, etc., tentando transmiti-las ao seu recetor com o valor implícito de persuasão. O *recetor* é aquele que recebe e interpreta um discurso ou um texto, podendo ser ouvinte, leitor ou interlocutor. Pode estar presente ou ausente na situação comunicativa e pode haver vários recetores. Neste caso, estamos perante um público vasto, embora haja apenas um emissor, obterá não só um recetor, mas sim bastantes recetores.

Noutras entradas de dicionário conseguimos observar que, por vezes, o significado de emissor pode variar – fazendo alusão à emissão enquanto fabrico de moeda ou papel-moeda (Dicionário Universal Fundamental 1998: 284) –, porém, o significado de recetor permanece, na essência, quase igual. Ele é o que recebe a informação de uma comunicação.

Dito isto, a carta acarreta com a seguinte informação:

<b>Carta Formal</b>	
<b>Utilização</b>	Permite a comunicação entre pessoas. Os recetores podem pertencer ou não ao círculo de amigos/família, fazendo com que o nível de formalidade varie entre eles.
<b>Vantagens</b>	Exigência de comunicação com outros. Linguagem e léxico cuidados e formais, bem como as formas de interação, abertura e despedida, variando entre os destinatários.
<b>Desvantagens</b>	O material é papel e geralmente é sempre uma mensagem única. No caso do uso do papel são necessários um selo e a informação de a quem se dirige a carta bem como ter em conta o tempo que a carta pode demorar a chegar ao seu destinatário, ou seja, o contacto com o destinatário não é imediato.

**QUADRO I.** Vantagens e desvantagens do uso das cartas

## 2.2 - Definição de texto

“O texto é prototipicamente uma sequência autónoma de enunciados, orais ou escritos, de extensão variável – um texto pode ser constituído por um único e curto enunciado ou por um número elevadíssimo de enunciados –, com um princípio e um fim bem delimitados, produzido por um ou por vários autores, no âmbito de uma determinada memória textual e de um determinado sistema semiótico (...), e cuja concretização ou actualização de sentido é realizada por um leitor/intérprete ou por um ouvinte/intérprete.”

(Dicionário Terminológico da Língua Portuguesa (DT))

Tentar definir *texto* pode resultar no começo como algo relativamente fácil, mas na verdade é mais complexo do que aparenta. Como Silva (2012) afirma: “o texto é o produto verbal em cuja análise se pretende focalizar as propriedades do âmbito da sua organização interna”, ou seja, num texto existem elementos a serem estudados por serem ricos em informações relevantes para a interpretação do mesmo, podendo ser mais fácil estabelecer a mensagem que o autor pretende transmitir.

### 2.3 - Definição de Autor e Leitor

Quando existe um texto, existe obrigatoriamente um autor e um leitor. No caso deste trabalho, um autor e diversas leitoras. O termo *autor* “designa o produtor de um texto, oral ou escrito, literário ou não literário. O autor é geralmente um indivíduo singular (...)” (Dicionário Terminológico - DT). O termo *leitor* designa uma “pessoa existente na realidade, historicamente determinada, que lê um texto e que constitui uma das suas instâncias interpretativas” (Dicionário Terminológico - DT). Tal como o autor, existem muitos exemplos de modelos de leitor, mas o que se procura é que seja possível estabelecer uma relação, ou quase um diálogo, entre autor e leitor a partir de, como já fora indicado, textos ou diálogos.

### 2.4 - Cortesia, Pergunta, Injunção, Crítica e Desacordo

“A *cortesia* evocará fortemente regras de etiqueta enquanto *delicadeza* será sentido como mais abrangente, incluindo a interioridade – ou, em termos linguísticos a *intencionalidade* – e as suas manifestações”.

(Carreira 2014:29)

Como já referimos anteriormente, os textos também possuem cortesia e por isso achamos interessante fornecer algumas definições que especificam a diferença presente em alguns dos termos referidos. Devemos ter cuidado para não confundir cortesia com atenuação; isto porque a cortesia está diretamente relacionada com a intenção e a atenuação ligada à “teoria das faces” de Erving Goffman, tal como Carreira explica, “funda-se no respeito do indivíduo enquanto entidade social, com as suas faces positiva e negativa” (Carreira, 2014: 35). Através das faces que são expostas, a cortesia pode ser dividida em: cortesia negativa – “proteção do território do eu” – ou cortesia positiva – “valorização da imagem do alocutário” (Carreira, 2014: 35).



Primeiramente, apresentamos uma tabela com o objetivo de provar que nas cartas analisadas existe um padrão que é comum nas formas de abertura e de fechamento. Em segundo lugar, segue-se uma análise dos elementos linguísticos, dos marcadores discursivos mais frequentes nos textos analisados, bem como a indicação de seus respectivos valores, seguida de uma pequena discussão. Concluimos este estudo com as considerações finais as referências bibliográficas.

#### 4 - *Análise dos dados*

Como já foi referido, as “Cartas às Raparigas” encontram-se numa coluna da revista *Mocidade Portuguesa Feminina: Boletim Mensal* (M. P. F.).

Na sua verdadeira essência, estamos perante “cartas familiares” e não “cartas formais”. Existe este “disfarce”, em termos de nomenclatura, pois o tipo de informação que é possível encontrar nestes textos foca os ideais salazaristas. A autora dos artigos tenta impor tal ideologia e demonstra que tipos de comportamentos e até de atitudes as mulheres dos anos 40 devem ter e seguir. As cartas, no entanto, apresentam características que parecem contradizer-se, ou seja, neste tipo de cartas o nível de formalidade usado nos textos não é tão elevado como seria de esperar em cartas formais e o mesmo se passa na relação pouco distante entre o recetor e o emissor, algo que não seria de esperar vindo de uma carta formal.

O tipo de distanciamento que é imposto pela autora está possivelmente relacionado com a proximidade com as suas leitoras, violando assim o nível de hierarquia que parece ser imposto nestas cartas, quase como se nas cartas a autora fosse uma figura de alto nível e as suas leitoras as suas seguidoras fiéis. Ou seja, a mesma quer que o seu público-alvo a veja não como uma impositora de uma determinada ideologia e que no fundo as obriga (ainda que de uma forma indireta) a seguir a mesma ideia, mas quer que a vejam no fundo como uma amiga, uma pessoa que lhes é chegada e querida.

<b>Cartas</b>	<b>Assunto</b>	<b>Forma de Abertura</b>	<b>Forma de Fechamento</b>
<b>n.º49</b>	Apelo da autora às leitoras para que sejam sempre sinceras e que se mantenham longe do que é “artifício”.	Queridas Infantas, Lusas, Vanguardistas	Queridas raparigas da M.P.F
<b>n.º50</b>	Pedido de cartas às filiadas; a autora não tem recebido nenhuma o que lhe permite partilhar um exemplo conhecido da mesma.	Nenhuma filiada	Desisti de ouvir outras razões de desistência, ou melhor, da deserção ...



n.º51/5 2	As obrigações que as raparigas têm durante o tempo das férias, lembrando que não devem adquirir hábitos menos aceitáveis.	Queridas raparigas	Acabo já esta carta amiga
n.º54	Reprovação de quem não respeita os mais velhos, fornecendo um exemplo com o objetivo de apelar ao lado mais sensível das leitoras.	Querida infanta	E muito mais teria a dizer-vos sôbre a carta da jovem Infanta ...
n.º58	Sugestões dadas para a prática de causas humanitárias. O sentimento que é criado ao saber que se marcou a diferença	Queridas amiguinhas	Queridas raparigas
n.º59	O ato de uma mulher achar que tem uma autoridade elevada em certos assuntos é colocada em questão e aprendido.	As raparigas	Queridas raparigas
n.º60	Tentativa de apelo a que as leitoras sejam cristãs e não coloquem isso em causa como a rapariga que lhe escreve defendendo que não é necessário ser-se cristã para mostrar sentimentos.	Rapariga de 17 anos	E muito teria ainda a dizer sôbre o assunto
n.º62	O ato insultuoso das leitoras ao escrevem à autora questionando os seus textos e as suas ideologias quando lhe dizem que ela é “anticuada”.	Queridas amiguinhas	É a paz da consciência: nada existe no mundo de mais suave e delicioso do que ela
n.º63/6 4	As obrigações que as raparigas não devem esquecer e que devem praticar mesmo em tempo de férias.	Queridas filiadas da M.F.P	Queridas amiguinhas

**QUADRO II.** Assunto e formas de abertura e fechamento das cartas analisadas

Ao longo das leituras que fizemos das nove cartas, deparamo-nos com algumas formas de abertura mais recorrentes do que outras, como: "Querida(s) Infanta(s)" (22,22%) e “Queridas amiguinhas” (22,22%); por sua vez, a forma de fechamento que mais se destacou foi a forma "Queridas raparigas", com cerca de 33,33%.

Nos nove textos, verificamos que existem muitas ocorrências iniciadas com “queridas”, tanto na forma de abertura – com uma percentagem de 66,66% – como na forma de fechamento – com cerca de 44,44%. Concluímos que a forma “queridas” é usada, preferencialmente, para anunciar o início ou o encerramento de um assunto. O mesmo acontece com o uso do diminutivo “amiguinhas” (usado como uma forma de atenuar o verdadeiro significado da palavra), ajudando a obter uma aproximação às suas leitoras. “Amiguinhas” é geralmente antecedido de “queridas”. Na forma de abertura, foi possível encontrar dois casos deste tipo (22,22%), enquanto que na forma de fechamento apenas encontramos uma ocorrência (11,11%).

O “vós”, neste caso, é usado “como pronome da 2.º pessoa do plural em situações comunicativas em que o falante se dirige a mais do que um interlocutor” (Segura, 2013: 130).

Nestas cartas, a autora tem vários destinatários e não tem qualquer hipótese de identificar todos os seus leitores nem mesmo de conhecer todos eles. O recurso a este pronome permite que a mesma se dirija ao seu público, parecendo ter uma relação individual com cada uma das suas leitoras. Assim transmite, também, confiança para que lhe escrevam e lhe confiem os seus problemas. Hoje, tal uso é menos recorrente, mas, como afirma Segura (2013: 130), “(...) não é de excluir a possibilidade de que ainda se mantenha em uso (...) na fala das gerações mais velhas como forma de tratamento de respeito”. Existe, de facto, uma quebra no seu uso, isto porque substitui-se o mesmo por outras formas pronominais, tais como “tu” ou “vocês”.

#### 4.1 - Marcadores discursivos e seus valores

Nesta secção, apresentaremos a nossa análise dos nove pequenos textos que temos vindo, ao longo deste estudo, a referir. No final dos quadros que se seguem, apresentaremos a nossa discussão acerca dos mesmos e o que eles podem revelar. Note-se que não analisamos todos os marcadores discursivos e seus valores, apenas referimos os principais e os que mais se faziam presentes nos textos.

Cartas		n.º49	n.º50	n.º51- 52	n.º54	n.º58
Valor de Causa			<b>Porque</b> se deita sempre tarde Tenho <b>visto</b> surgir muitas vezes		<b>Já que</b> no interesse pelas crianças	
Valor contrastivo	Concessivo	<b>Embora</b> nem todos o apreciem		Temos outras <b>porém</b> é preciso não esquecer		Infelizmente, <b>porém</b> , há lares tristes
	Apositivo	Uma amiga <b>já</b> velha; <b>Mas</b> desde <b>já</b> lhes peço que sejam sempre bem sinceras;	<b>Já</b> X6 casou e já lá não ia; <b>Mas</b> como tenho sempre convívio; <b>Mas</b> quando algum tempo depois	<b>Já</b> nem parecem as mesmas	<b>Já</b> que no interesse; <b>Mas</b> deixem-me dizer-lhes	<b>Mas</b> esta época alegre
Valor de condição		<b>Se</b> cito estes meus livros, escritos apenas para servir as raparigas; <b>Se</b> isso lhes der prazer <b>Se</b> isso me parecer interessante	<b>Mas se</b> não juntarem ao entusiasmo			<b>E se</b> à entrada do Ano Novo, nos propusermos a esse fim <b>E se</b> para isso, todas as épocas são boas

	Mas se tudo isso se tolera há uma coisa				
<b>Valor Aditivo</b>		Mas quando, algum tempo <b>depois...</b>		O neto pequenino, <b>depois</b> de ver maltratar o avô	A nossa alma <b>também</b> deve renascer para o bem
<b>Reformuladores</b>		(...) convívio com raparigas não me falta ocasião de ler nos espíritos das meninas, <b>em geral</b> <b>Ou melhor,</b> da deserção		<b>Ou</b> desdém que vos merecem	<b>Ou</b> pelo egoísmo
<b>Valor de finalidade</b>		Trabalha-se com <i>afan</i> <b>para</b> uma idéia	<b>Para</b> bom aproveitament o	Me encho de indulgência <b>para</b> te responder Resolvera fazer uma escudela de pau <b>para</b> o pai comer	<b>Esse fim</b> , a nossa própria felicidade
<b>Valor temporal</b>		Mas <b>quando</b> , algum tempo depois;	A maior alegria que trareis <b>quando</b> voltardes;	<b>Quando</b> eram novas <b>Quando</b> fosse já velhinho <b>Depois</b> de ver maltratar o avô	
<b>Valor comparativo</b>	É para me apresentar a vós todas <b>como</b> uma amiga (...) e que pretende ser considerada <b>como tal</b>	Mas quantas vezes, oh tristeza! <b>como</b> bolas de sabão, luminosas e êfemeras		Já que no interesse pelas crianças <b>como</b> no respeito pelos velhos, só pode haver benefício para adolescentes <b>como</b> vós.	Deixem que as vossas alegrias irradiem <b>como</b> luz quente e brilhante
<b>Valor conclusivo</b>	<b>Pois</b> eu detesto <b>Pois</b> , queridas raparigas <b>Se isso</b> me parecer de interesse <b>Se tu isso</b> se tolera <b>Se isso</b> lhes der prazer	<b>Assim</b> quero hoje falar-vos	<b>Assim</b> , a boa semente	E <b>por isso</b> me encho de indulgência <b>para</b> te responder	E se, <b>para isso</b> ser bem educada

QUADRO III. Marcadores discursivos e seus valores: cartas 49-58

Cartas		n.º59	n.º60	n.º62	n.º63-64
Valor de Causa				Pode vir na riqueza <b>como na</b> pobreza, na saúde como na doença	
Valor contrastivo	Concessivo	Infelizmente, <b>porém</b> , se de facto Infelizmente, <b>porém</b> , é um caso vulgaríssimo	<b>Apesar</b> da sua desgraça	<b>Apesar</b> da sua desgraça	<b>Apesar</b> dos óleos Ai, <b>porém</b> , discordo de você
	Apositivo		Tem razão, no que diz, <b>mas</b> não em absoluto <b>Mas</b> vive paralisada	<b>Mas</b> pelo interesse enorme <b>Mas</b> vive paralisada num tabuleiro	<b>Mas</b> qual sossego <b>Mas</b> vivam com simplicidade
Valor de condição		E <b>assim</b> se vai perdendo em Portugal	<b>Ora</b> se todos estes factos são desleais e de falta de atenção		
Valor Aditivo		<b>Também</b> lhes direi	E muito teria <b>ainda</b> a dizer sobre o assunto		E <b>depois</b> ... o não ter lições, não ter estudos <b>Por último</b> fartei-me de perder ao jogo (Depois) na praia ... <b>ainda</b> foi pior
Reformuladores		<b>ou</b> que emitem as suas opiniões com uma autoridade <b>ou</b> desprezam a boa educação! <b>Por exemplo, o facto</b> de se deixar uma carta sem resposta	<b>É evidente</b> que a minha correspondente tem, relativamente, razão no que diz	<b>E desta afirmação</b> posso dar-vos exemplos sem fim! <b>Isto que</b> parece uma contradição	obrigações temos sempre, seja tempo de férias <b>ou</b> não De outro ar, em todo o <b>caso</b> , diferente do das cidades e das vilas
Valor de finalidade		Se lhes faltar a bondade, a paciência <b>para</b> ouvir os mais velhos	Não é essencial, ser cristã <b>para</b> mostrar sentimentos	De aproveitar as horas, os dias, <b>para</b> se rodar de criancinhas Dar-vos exemplos <b>sem fim</b>	Vivam com simplicidade nessa época de repouso <b>para</b> o corpo e <b>para</b> a alma <b>No fim</b> dessas férias boas, que alegria
Valor temporal		E <b>assim</b> se vai perdendo <b>Dantes</b> , há muitos anos, havia um certo número de coisas	Quem chegou <b>antes delas</b>	<b>Quando</b> acabamos de os cumprir e bem Vive paralisada num tabuleiro <b>durante</b> os anos da sua juventude <b>Assim</b> , conheci uma rapariga	Depois, <b>durante</b> o dia

<b>Valor comparativo</b>			E morreu <b>como</b> santa <b>Como</b> a sua alma era excepcional e elevadíssima	Uma rapariga amiga, nova <b>como</b> vocês, e <b>como</b> vocês bem intencionada
<b>Valor conclusivo</b>		Basta <b>para isso</b> ser bem educada		Coitada de mim – <b>concluiu</b> – que tristes Dou-lhes, <b>pois</b> , um grande concelho

**QUADRO IV.** Marcadores discursivos e seus valores: cartas 59-64

Como se pode verificar nos quadros acima, todas as cartas possuem elementos linguísticos de valores diversos, desde o valor comparativo, ao valor temporal, conclusivo, etc. Ao longo da análise que efetuamos, reparamos que, relativamente, ao valor comparativo, embora esteja presente em seis dos nove textos, a palavra “como” é a única que é comum a todos eles. Apesar de existirem mais ocorrências, nenhuma delas veicula uma comparação com a palavra anterior e apercebemo-nos que, nas restantes três cartas, não se obteve qualquer tipo de marcador discursivo com valor de comparação.

Relativamente aos valores de adição, o que destacamos são os seguintes marcadores: o “depois”, o “também” e o “ainda”. O elemento linguístico “depois” é o responsável, nestes exemplos, por assinalar o facto de que algo é acrescentado ao que já fora dito/escrito, o que nos permite obter uma ligação entre os elementos anteriores e os elementos que serão fornecidos posteriormente. O mesmo acontece com o “também” e com o “ainda”. É importante não confundir os marcadores destacados acima com marcadores com valor temporal, embora também possam estar associados. Neste caso, o marcador mais frequente é o “quando”, que também se destaca como uma expressão que marca tempo, do tipo “há muitos anos”.

No caso do valor de condição, o uso do “mas se” com algumas variações, como “se” ou “e se”, destaca-se. O uso do marcador “mas”, que se encontra presente na maior parte dos exemplos retirados, pode ser facilmente confundido como tendo valor contrastivo apositivo, mas tudo depende da construção da frase e da sua sequência, bem como do significado intencional. O próprio nome contrastivo fornece uma pista sobre o que este género de marcador indica, sendo sempre um contraste presente em determinadas situações. Este contraste pode ser apositivo, com elementos frequentes como “já” e “mas”, ou concessivo, onde é usado o “porém” e o “apesar de”.

Nos textos que possuem valor de finalidade, destacamos o uso frequente do “para”. Nestes exemplos, realçamos as variações ou a substituição para evitar a repetição do mesmo

marcador. Assim, encontramos “esse fim”, que geralmente é antecedido de “sem” ou “no”. Nas frases maioritariamente de valor conclusivo, as variações de “para isso” podem ser antecidas de “por”, sendo este o mais frequente. Quanto aos exemplos do último valor, o causal, de entre todos os acima referidos e analisados, foi o único no qual foi possível verificar diferentes elementos com o mesmo valor: “porque”, “visto”, “já que” e “como na”.

Quanto aos reformuladores, eles servem para retificar alguma coisa dita ou escrita, destacando os marcadores discursivos que ordenam a informação, através de operadores discursivos que ajudam a reforçar ou a concretizar ideias. Nestes casos, chamamos a atenção do leitor, pois, em quase todos os valores estudados, podemos, por vezes, encontrar o uso de marcadores discursivos usados como reformuladores.

### 5 - *Considerações Finais*

A realização deste trabalho permitiu observar que, embora os textos sejam na sua verdadeira essência cartas familiares, possuem características próprias das cartas formais. Por essa mesma razão, ressalta uma série de características as tornam únicas e bastante interessantes para serem estudadas, tanto pelo seu tipo de escrita, cuidada e formal (mas ao mesmo tempo assertiva), como pelas ideias que se procura incutir nas jovens portuguesas, estabelecendo um modelo da mulher ideal dos anos 40, revelado pelas ordens que a autora dava, como se fossem pequenos conselhos. Estão presentes nos textos elementos comuns a todas as cartas, desde o uso de elementos com valores comparativos (“como”) às formas de abertura e de fechamento, que se revelaram idênticas.

As marcas recolhidas no *corpus* contribuem para a construção de um bom texto, sendo este coerente e coeso, devido aos elementos que permitem estabelecer uma ligação com outros. Sabendo que os valores estudados foram relevantes, seria interessante levar este género de estudo para o futuro, visto que os artigos da revista *Mocidade Portuguesa Feminina: Boletim Mensal* são material ainda pouco explorado.

Permanecem, no entanto, algumas questões que necessitam de ser trabalhadas futuramente, no que concerne às diferentes tradições discursivas em textos epistolares do português moderno. Uma das principais dificuldades foi encontrar valores de desejo nas cartas. Isso não foi possível, o que revela que nem todas possuem o cariz de repreensão ou de autoridade, transmitindo, por vezes, a sensação de que se trata de um desabafo, como se pôde verificar em alguns dos temas das cartas acima referidos.

## REFERÊNCIAS

- Barros, C. 2010. *Versões Portuguesas da Legislação de Afonso X. Estudo Linguístico-Discursivo*. Porto: UPorto Editorial.
- Carreira, M. H. A. 2014. Cortesia e proxémica: abordagem semântico-pragmática. In: Isabel Roboredo Seara (coord.) *Cortesia Olhares e (Re)invenções*. Lisboa: Chiado Editora, 27-47.
- Jucker, A. H. 1995. *Historical Pragmatics. Pragmatic Developments in the History of English*. Amsterdam: John Benjamins.
- Ribeiro, M. V. 2015. *Tradições Discursivas de Cartas Institucionais*. Tese de mestrado em Linguística. Porto: UPorto.
- Segura, L. 2013. Variedades dialetais do português europeu. In: Raposo, E. P.; Nascimento, M. B.; Mota, M. C.; Segura, L.; Mendes, A. *Gramática do Português*. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 130.
- Silva, P. 2012. *Tipologias Textuais: Como Classificar Textos e Sequências*. Coimbra: Edições Almedina.

Dicionário Terminológico:

Disponível em: <http://dt.dge.mec.pt/> (consultado em 15-6-2017)

Hemeroteca Digital – Lisboa, Ficha Histórica:

Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/> (consultado em 20/07/2018)